

A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE AUTORREGULAÇÃO SENSORIAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Lorena Leão¹

Luciana Larissa Gama de Oliveira²

RESUMO

A educação inclusiva demanda a reorganização das práticas pedagógicas e dos espaços escolares, de modo a minimizar barreiras que comprometem a participação, aprendizagem e permanência dos estudantes. No contexto do transtorno do espectro do autismo (TEA), as particularidades relacionadas ao processamento sensorial podem gerar sobrecarga diante de ambientes ruidosos, imprevisíveis e com intensa estimulação, interferindo na autorregulação emocional, na atenção e no engajamento nas atividades escolares. Este estudo tem como objetivo analisar a importância da biblioteca escolar como espaço de autorregulação sensorial para um estudante com TEA, a partir de uma abordagem qualitativa baseada na observação das situações de aprendizagem e na análise de relatórios de acompanhamento elaborados durante o período de monitoria, de Maio de 2025 a Fevereiro de 2026. Os resultados indicam que a biblioteca, por se configurar como um ambiente mais silencioso, organizado e previsível, favoreceu a redução da sobrecarga sensorial, possibilitando ao estudante reorganizar-se emocionalmente e ampliar sua disponibilidade para a aprendizagem. Nesse espaço, observou-se maior concentração, interesse por conteúdos curriculares e participação em debates, refletindo positivamente também no retorno à sala de aula. Conclui-se que a utilização consciente e planejada dos espaços escolares, como a biblioteca, pode atuar como estratégia pedagógica de autorregulação sensorial, contribuindo para práticas inclusivas que promovem o bem-estar, o engajamento e a aprendizagem significativa de estudantes com TEA.

Palavras-chave: Organização do espaço escolar; Processamento sensorial; Transtorno do espectro do autismo; Práticas pedagógicas inclusivas; Ambientes de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem se consolidado como um princípio fundamental das políticas educacionais contemporâneas, exigindo da escola a reorganização de suas práticas pedagógicas, de seus tempos e de seus espaços, de modo a garantir a participação e a aprendizagem de todos os estudantes. Nessa perspectiva, conforme aponta Mantoan (2003), a inclusão não se limita ao acesso físico à escola, mas implica a eliminação de barreiras que dificultam o engajamento pleno dos estudantes no processo educativo. Entre essas barreiras, destacam-se aquelas relacionadas à organização do ambiente escolar, frequentemente desconsideradas nas práticas pedagógicas cotidianas.

¹ Bolsista PIBASIC, Escola de Aplicação da UFPA (EAUFPA). Bolsista PIBIC-CNPq, Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduanda em Música, Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Instrumento Musical - Violino, Escola de Música da UFPA (EMUFPA). Email: lorenadeleao@gmail.com

² Professora da Educação Especial, Escola de Aplicação da UFPA (EAUFPA). Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEPA/PPGEECA). Pós-graduanda em Educação Especial com ênfase no atendimento Educacional Especializado (FIBRA). Licenciada em Ciências Naturais com Habilitação em Biologia (UEPA/CCSE). Email: lucianagama@ufpa.br

No contexto do transtorno do espectro do autismo (TEA), as especificidades relacionadas ao processamento sensorial assumem papel central na experiência escolar. Estudos indicam que muitos estudantes com TEA apresentam hipersensibilidade a estímulos auditivos, visuais e táteis, o que pode comprometer a atenção, a autorregulação emocional e a permanência em ambientes marcados por ruídos intensos e elevada movimentação (Mattos, 2019; Souza; Nunes, 2019). Dessa forma, ambientes escolares pouco organizados, imprevisíveis ou excessivamente estimulantes podem intensificar a sobrecarga sensorial, interferindo diretamente na aprendizagem e na participação social desses estudantes.

Nesse cenário, torna-se necessário repensar os espaços escolares não apenas como locais físicos, mas como dispositivos pedagógicos capazes de favorecer ou dificultar a autorregulação sensorial e emocional. A biblioteca escolar, tradicionalmente associada ao incentivo à leitura e à pesquisa, pode assumir uma função ampliada no contexto da educação inclusiva, configurando-se como um ambiente mais silencioso, previsível e organizado, capaz de favorecer a reorganização interna do estudante e o engajamento com o conhecimento. Conforme destaca Pacheco (2023), as condições ambientais exercem influência direta sobre os processos de aprendizagem, especialmente quando consideradas as singularidades dos sujeitos.

Diante dessas reflexões, este estudo tem como objetivo analisar a importância da biblioteca escolar como espaço de autorregulação sensorial para um estudante com TEA, a partir da observação de suas interações com diferentes ambientes escolares e das estratégias adotadas para favorecer seu bem-estar, participação e aprendizagem. Ao longo do trabalho, discutem-se as relações entre organização espacial, autorregulação sensorial e práticas inclusivas, evidenciando como a flexibilização e o uso consciente dos espaços escolares podem contribuir para a construção de uma escola mais acessível, acolhedora e comprometida com a aprendizagem de todos.

METODOLOGIA

Conforme Minayo (2014) este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, desenvolvida a partir da observação sistemática das situações de aprendizagem vivenciadas por um estudante com transtorno do espectro do autismo (TEA) no contexto da educação básica, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública federal vinculada à Universidade Federal do Pará.

O acompanhamento foi realizado no âmbito da monitoria escolar por uma PIBASIC, que atua como profissional de apoio escolar a estudantes da educação especial, que se encontra em processo de formação inicial, ainda vinculada à universidade. Trata-se, portanto, de uma atuação mediada pela articulação entre os conhecimentos teóricos construídos no percurso acadêmico e as experiências práticas vivenciadas no cotidiano escolar, possibilitando a observação crítica e reflexiva das práticas inclusivas em contexto real.

A investigação ocorreu ao longo do período de monitoria, entre 16 de maio de 2025 e 09 de fevereiro de 2026, permitindo o acompanhamento contínuo das interações do estudante com os diferentes ambientes da escola. Ressalta-se que a instituição conta com uma Coordenação de Educação Inclusiva, responsável por orientar e apoiar as práticas pedagógicas voltadas à inclusão, o que contribuiu para a construção de um acompanhamento alinhado às diretrizes institucionais e pedagógicas.

Os procedimentos metodológicos envolveram a observação direta do comportamento do estudante em distintos contextos escolares, com atenção às suas respostas às condições ambientais e aos estímulos sensoriais presentes nos espaços de circulação e permanência. Paralelamente, realizou-se a análise documental de relatórios de acompanhamento pedagógico elaborados pela PIBASIC ao longo do período investigado, nos quais foram registradas

percepções acerca do comportamento, da autorregulação emocional, da participação nas atividades e das estratégias pedagógicas adotadas.

A análise dos dados, buscou identificar padrões recorrentes relacionados à sobrecarga sensorial, às estratégias de autorregulação utilizadas pelo estudante e às implicações da organização dos ambientes escolares para sua aprendizagem e bem-estar. Destaca-se que a identidade do estudante foi preservada, em consonância com os princípios éticos da pesquisa em educação.

DISCUSSÕES

A educação inclusiva, conforme defende Mantoan (2003), pressupõe a reorganização da escola em suas dimensões pedagógicas, estruturais e atitudinais, de modo a eliminar barreiras que dificultam a participação plena dos estudantes. Nesse sentido, o ambiente físico não é um elemento neutro, podendo favorecer ou dificultar a aprendizagem. No contexto do transtorno do espectro do autismo (TEA), alterações no processamento sensorial podem produzir hipersensibilidade a estímulos auditivos e visuais, comprometendo atenção, concentração e a organização de tarefas (Mattos, 2019). Ambientes com ruído constante, conversas simultâneas e movimentação intensa tendem a gerar sobrecarga sensorial, comprometendo a atenção e a organização das tarefas.

O presente trabalho configura-se como um relato de observação pedagógica, de caráter descritivo, sem finalidade clínico-interventiva, assegurando o anonimato do estudante. Durante o acompanhamento realizado, observou-se que o estudante frequentemente buscava se afastar da movimentação intensa e do ruído, principalmente nos momentos de recreio, procurando permanecer na direção da escola, sentado em espaços mais tranquilos. Esses comportamentos podem ser compreendidos como estratégias de autorregulação sensorial, utilizadas para lidar com estímulos excessivos e organizar internamente sua atenção e emoções, sem que haja qualquer intenção de se desligar da aprendizagem ou do convívio com os colegas. Essas observações estão em alinhamento com estudos que destacam alterações no processamento sensorial de alunos com TEA, conforme apontam Souza e Nunes (2019).

Com base nessa constatação, foi sugerida a ida à biblioteca escolar, um ambiente silencioso, organizado e com menor fluxo de pessoas. Essa intervenção funcionou como estratégia complementar de autorregulação, permitindo que o estudante equilibrasse seus estímulos internos, retomasse a concentração e se preparasse para engajar-se nas atividades propostas na sala de aula. Nesse espaço, demonstrava interesse por conteúdos de história e geografia, iniciando debates e ampliando discussões propostas. Essas observações evidenciam que a redução de estímulos favorece tanto a permanência quanto o envolvimento nas atividades, corroborando Pacheco (2023), que evidencia que a aprendizagem depende diretamente das condições ambientais possibilitando ao estudante organizar-se internamente para interagir com o conhecimento.

A transformação do momento de afastamento em estratégia pedagógica altera a forma como se interpretam determinadas condutas no contexto escolar. A dificuldade em permanecer na sala até o término da aula, inicialmente compreendida como falta de atenção, pode ser analisada como tentativa de reorganização frente ao excesso de estímulos. Quando a escola reconhece essa necessidade e legitima o uso de um espaço alternativo, o que antes era visto como problema disciplinar passa a constituir estratégia de autorregulação. Além disso, a biblioteca não se configurou apenas como local de refúgio, mas como ambiente de participação ativa e construção de vínculos.

O interesse demonstrado por conteúdos de história e geografia, os debates iniciados espontaneamente e a realização de atividades indicam que a redução dos estímulos sensoriais favoreceu tanto a permanência quanto o envolvimento nas tarefas. A experiência observada

não indica a retirada do estudante da sala regular, nem a criação de um espaço exclusivo para ele, mas evidencia a importância da organização dos ambientes escolares. Contudo, quando a permanência na sala exige o uso constante de abafadores de ruído para possibilitar a concentração, torna-se necessário refletir se o ajuste está sendo demandado apenas do estudante. Recursos individuais são importantes, mas não podem substituir a responsabilidade institucional pela construção de um ambiente mais organizado, previsível e respeitoso às diferenças. Nesse sentido, a reorganização espacial representa a ampliação das condições de acesso ao conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento do estudante evidenciou como diferentes ambientes escolares podem influenciar diretamente a autorregulação sensorial e o bem-estar emocional. A utilização da biblioteca durante o recreio ou em momentos pontuais de maior estresse funcionou como uma pausa estratégica, respeitosa e previamente combinada, permitindo reorganização emocional sem romper com o pertencimento ao coletivo. Durante o recreio, enquanto a escola se tornava um ambiente ruidoso e imprevisível, a biblioteca oferecia um ambiente mais estável, com menor intensidade sonora e maior previsibilidade. A escolha recorrente de determinados livros revelava interesses consistentes e, a cada nova leitura, o estudante ampliava interpretações, estabelecia conexões e formulava questionamentos mais elaborados.

Gradualmente, a biblioteca deixou de ser apenas um refúgio sensorial e tornou-se um espaço de construção e apropriação do conhecimento. O estudante passou a demonstrar desejo de retornar ao local, solicitando momentos para buscar seus livros preferidos. Durante as leituras, promovia debates, fazia perguntas complexas e utilizava terminologias específicas relacionadas aos temas explorados. Em diversas ocasiões, explicava à monitora o que havia compreendido, organizando o pensamento de maneira sequencial e argumentativa, o que indicava compreensão do conteúdo e elaboração conceitual. Esses efeitos refletiram também na sala de aula, onde o estudante retornava mais disponível para as atividades coletivas, com maior capacidade de concentração e participação. Houve também redução de sinais de sobrecarga durante os momentos após a pausa e aumento na qualidade de suas expressões orais. Dessa forma, a biblioteca funcionou como mediadora entre regulação emocional e aprendizagem significativa.

Esses achados reforçam a compreensão de que barreiras à aprendizagem não estão no estudante, mas na relação que ele estabelece com o contexto escolar. Espaços organizados, previsíveis e com menor estímulo sensorial funcionam como ferramentas pedagógicas, e as práticas inclusivas passam a ser compreendidas como ações que ampliam as condições de acesso e engajamento, e não como formas de isolamento ou segregação. O estudo evidencia a importância de olhar para os comportamentos do estudante considerando a sensibilidade sensorial, reconhecendo estratégias de autorregulação em vez de interpretações precipitadas de indisciplina. O reconhecimento dessas necessidades e a criação de ajustes pontuais, seja no tempo de permanência, na organização do ambiente ou no uso de recursos auxiliares, fortalecem a autonomia e o protagonismo do estudante no processo de aprendizagem.

Por fim, este trabalho sugere que a inclusão efetiva vai além da presença física na sala de aula, ela envolve a capacidade da escola de adaptar e organizar o ambiente, compreender as diferentes formas de interação e permitir que cada estudante encontre meios de participar plenamente. Recomenda-se, portanto, que instituições educacionais reflitam sobre seus espaços, identifiquem situações de sobrecarga sensorial e considerem estratégias de flexibilização que promovam engajamento, conforto e aprendizagem significativa para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer? 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MATTOS, Jaci Carnicelli. Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 32, e57, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PACHECO, José. Aprendizagem acontece na relação. Revista Educação, coluna, 10 out. 2023. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2023/10/10/autonomia-aprendizagem-relacao/>. Acesso em 18 fev. 2026.

SOUZA, A. R.; NUNES, L. R. d'O. P. Processamento sensorial e aprendizagem de estudantes com transtorno do espectro do autismo. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 25, n. 3, p. 457–472, 2019.